

Formação docente na educação do Campo: *o ensino de Ciências Naturais para uma educação libertadora*

MOLINA, Mônica Castagna (Org.).

Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar.

Volume II. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. 496p.

Na realidade brasileira, o desrespeito à diversidade sociocultural tem se manifestado de diferentes modos. Entre eles, encontra-se um modelo educacional hegemônico, estereotipado, que invade diferentes territórios tendo como aporte a fragmentação do conhecimento. Esse modelo, metodologicamente pautado na linearidade e na repetição mecânica de procedimentos, busca adequar o indivíduo a uma realidade pré-definida, violentando seu contexto de vida. A educação do campo se constitui como movimento de resistência a essa lógica educacional perversa, elitista e alienante. Sua história se dá de modo imbricado com a luta identitária em realidades campesinas.

O livro *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar (Volume II)*, organizado por Mônica Castagna Molina, se contextualiza na formação de professores, pesquisadores da realidade em que atuam, para consolidação desse movimento de resistência. Logo, constitui-se como instrumento de luta contra-hegemônica a favor das escolas do campo como espaço de problematização da realidade dos estudantes, espaço efetivamente representativo dos desejos da coletividade e não objeto estrangeiro que trabalha contra as raízes socioculturais do ambiente em que se insere.

O contexto que mobiliza as reflexões compartilhadas no livro é o Curso de Especialização em Educação do Campo para o Trabalho Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática realizado na Universidade de Brasília (Faculdade UnB Planaltina) durante os anos 2015 e 2016. Além da UnB, o curso contou principalmente com o envolvimento das seguintes instituições: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). O curso visa a um só tempo consolidar um processo de formação continuada para egressos das licenciaturas em educação do campo (LEDoC) e fomentar a formação de formadores que atuam nessas licenciaturas. As construções do trabalho coletivo e da prática docente

interdisciplinar são essências do curso a fim de oportunizar transformações na organização pedagógica nas escolas do campo.

A especialização teve sua dinâmica formativa caracterizada pela sinergia entre atividades de tempo escola e de tempo comunidade. A metodologia pedagógica da alternância propiciou o planejamento e a realização de práticas docentes nas escolas do campo nas áreas de ciências da natureza e matemática. Com isso, viabilizou-se o compartilhamento das experiências interdisciplinares e o amadurecimento crítico-reflexivo acerca de suas limitações e forças. As trocas dialógicas fomentaram a produção das reflexões que compõem o livro. Tanto os educadores que cursaram a especialização quanto os formadores que nela trabalharam se desafiaram a construir conhecimento tendo como aporte a epistemologia da práxis.

O primeiro bloco do livro é formado por onze artigos que trazem, de modo reflexivo, experiências realizadas no contexto de escolas do campo. Os textos são produzidos pelos cursistas em parceria com seus respectivos orientadores. O segundo bloco é constituído por quatro artigos, escritos por formadores que atuaram na especialização, buscando sistematizar os aprendizados decorrentes da experiência coletiva vivida no curso, principalmente nas possibilidades de ressignificação do trabalho nas licenciaturas em educação do campo e de transformação do ensino de ciências e matemática. Além desses dois blocos, o livro conta com o prefácio escrito por Luiz Carlos de Freitas, uma seção de apresentação escrita pela organizadora do livro, Mônica Castagna Molina, e conta ainda com o posfácio desenvolvido por três educadores que são referência do ensino de ciências no Brasil: Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, Demétrio Delizoicov e Antonio Fernando Gouvêa da Silva. Os três assessoraram o curso de especialização que deu origem ao livro.

A abordagem freiriana sustenta toda a obra, fazendo da dialogicidade elemento estruturante no corpo de cada experiência. Coloca-se no centro das atenções a realidade em que cada escola se insere a fim de constituir espaço pedagógico de problematização efetivamente representativo das necessidades comunitárias. Desse modo, qualquer resquício de *educação bancária*, conforme teoriza Paulo Freire, é combatido com vigor pelos autores. Uma metodologia definida coletivamente é utilizada a fim de gerar currículo novo, práticas educativas referenciadas no que é significativo no contexto em que a escola se insere.

Identifica-se *temas geradores* a partir de *falas significativas* provenientes do discurso de indivíduos que vivenciam a realidade comunitária da escola. Busca-se então a construção coletiva de *contratemas*, gerando assim *problematizações* que oportunizam o amadurecimento crítico, processual, capaz de fazer surgir espaço novo, transformando em argumentação crítica o que muitas vezes é mero fatalismo. Com essa metodologia, os autores não só teorizam acerca do processo pedagógico que defendem, mas mostram efetivamente sua implantação e os resultados obtidos, entre superações e limites.

Os artigos que compõem o primeiro bloco do livro se harmonizam de modo direto com essa metodologia. A cada texto, o leitor tem a oportunidade de se aproximar de

um distinto território camponês. Assim, realiza uma visita histórico-crítica a diferentes regiões do Brasil, tendo nas escolas do campo o principal ponto de encontro. São colocadas em foco escolas do campo dos municípios de Tangará da Serra, Barra do Bugres e Jangada, no estado do Mato Grosso. São Domingos, em Goiás. Planaltina, no Distrito Federal. Jacundá, Nova Ipixuna e Marabá, no Pará. Taiobeiras, Icarai de Minas e Ouro Verde, em Minas Gerais. Rio Negrinho, em Santa Catarina. Essa aproximação a territórios camponeses, comumente excluídos de espaços de debate acerca da educação escolar, é realizada com riqueza de detalhe no que concerne à história de luta pela terra, pela implantação de processos educacionais próprios e pela superação de injustiças que secularmente afetam as populações do campo.

É apresentada ao leitor a diversidade das contradições e tensões presentes nessas diferentes realidades, ficando latente a percepção da necessidade de fortalecimento da vinculação dos professores com o contexto social, cultural e político das comunidades camponesas em que se encontram. As vozes do campo são valorizadas com afinco a fim de construir práticas educativas de fato contextualizadas e transformadoras. Com isso, há clara posição defendida pelos autores de que objetos externos, como, por exemplo, o livro didático, comumente reproduz discursos hegemônicos que, além de se distanciarem das problematizações camponesas, promovem visões distorcidas que muitas vezes violentam as referidas vozes.

No primeiro bloco, inaugurando as experiências realizadas na Região Centro-Oeste do Brasil, o artigo escrito por Angélica Gonçalves Souza e Elizandro Maurício Brick reflete sobre o ensino de ciências da natureza e matemática no âmbito do assentamento Antônio Conselheiro e, mais especificamente, da Escola Estadual Ernesto Che Guevara. Também no contexto desse assentamento, porém com foco na Escola Estadual Paulo Freire, o segundo artigo, escrito por Vandoilson da Cruz de Miranda e Elizandro Maurício Brick, aprofunda a compreensão histórica da luta camponesa na região, bem como promove rica reflexão acerca dos processos formativos da especialização. Em seguida, Henrique Costa Manico e Nayara de Paula Martins abordam o movimento da práxis e as contribuições do educador Paulo Freire para a educação do campo. A Escola Municipal Padre Geraldo Ferraciolli é *locus* de pesquisa. Tereza Jesus da Silva e Nathan Carvalho Pinheiro problematizam questões de natureza tecnológico-educacional, tendo o uso de celulares como tema gerador na Escola Estadual de Educação Básica do Campo Professora Benedita Augusta Lemes. No quinto artigo, Elizana Monteiro dos Santos, Eloísa Assunção de Melo Lopes e Mônica Castagna Molina refletem sobre a formação continuada de educadores no contexto do Projovem Campo – Saberes da Terra, no Centro Comunitário do Núcleo Rural Pipiripau II.

Na continuidade do primeiro bloco, dois artigos trazem experiências realizadas na Região Norte do País. O primeiro deles problematiza a prática do trabalho interdisciplinar na Escola Municipal Nova Canaã. Os autores, Fabrício Araújo Costa, Flavíula Araújo Costa

e Glaucia de Sousa Moreno, realizam esse movimento a partir da análise da degradação da área de nascentes nas proximidades da Vila Limão. O segundo, escrito por Deuzivânia Laurinda de Almeida, Rubenilde de Jesus Silva Cavalcante e Glaucia de Sousa Moreno, no contexto da Escola Pedro Marinho Oliveira, em Brejo do Meio, reflete sobre a reconstrução da proposta curricular da escola na perspectiva do tema gerador, da interdisciplinaridade, contando com o aporte dos princípios da educação do campo.

Dois outros artigos trazem experiências da Região Sudeste. Tânia Cássia Ferreira de Souza e Wagner Ahmad Auarek compartilham a experiência de uma proposta pedagógica realizada na Escola Família Agrícola Nova Esperança. Os autores entendem o trabalho coletivo e colaborativo como elemento essencial para a prática educativa. Ana Paula Silva e Penha Souza Silva apresentam detalhadamente os passos coletivamente estabelecidos para construção de uma proposta curricular em perspectiva freiriana na Escola Estadual José Bernardino.

Fechando o primeiro bloco, dois artigos trazem experiências realizadas na Região Sul. Leila Lesandra Paiter, Marilda Rodrigues e Néli Suzana Britto apresentam reflexivamente a construção coletiva da programação na área de ciências da natureza na Escola de Educação Básica Luiz Bernardo Olsen. O texto mostra o potencial da problematização das falas significativas para desvelar contradições sociais e econômicas na realidade em que a escola se insere. No mesmo contexto escolar, o artigo que encerra o bloco, escrito por Marianne Marimon Gonçalves, Leila Lesandra Paiter e Elizandro Maurício Brick, mostra a importância de a escola do campo ser construída a partir de questões práticas, localmente contextualizadas. A problematização crítica dessas questões gera reflexões teóricas que se dinamizam como práxis, potencializando transformações curriculares conscientes.

Como se vê, nessa primeira parte, o livro possibilita ao leitor uma viagem crítico-formativa por diferentes contextos campestres, os quais abrangem uma grande extensão territorial em quatro regiões do Brasil, em um encontro plural com escolas do campo. Os sujeitos e os espaços que nessa obra protagonizam a transformação educativa são comumente marginalizados por mecanismos de poder que secularmente vêm violentando todos aqueles que não aceitam um modelo hegemônico fragmentado, colonialista e estruturalmente racista. Isso faz do livro um registro de clara assunção política em prol do rompimento com o referido modelo, ao mesmo tempo em que efetivamente gera movimento prático-teórico para a construção de formação docente e práticas educativas consonantes com realidades camponesas.

Formadores que atuaram na especialização desenvolvem os quatro artigos que compõem o segundo bloco. A organizadora do livro, em parceria com Márcia Mariana Bitencourt Brito, realiza um aprofundamento sobre a epistemologia da práxis como referência para formação docente no âmbito da educação do campo. Para alcançar esse intento, as autoras analisam monografias desenvolvidas pelos professores cursistas. O artigo seguinte traz reflexões de Wagner Ahmad Auarek e Penha Souza Silva acerca dos impactos da experiência vivenciada na especialização na prática pedagógica dos formadores nas áreas de matemática e ciências da natureza. Eles compartilham o entendimento de que todo conceito

é historicamente construído e que, devido a isso, é importante o educador abordar os conteúdos em perspectiva histórica, compreendendo que fenômenos próprios da realidade do campo não devem ser utilizados como mera exemplificação. Eloísa Assunção de Melo Lopes, Nayara de Paula Martins, Mônica Castagna Molina e Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril também se voltam para a análise de monografias produzidas no contexto da especialização. As categorias por eles utilizadas identificam a importância transformadora do planejamento coletivo na escola do campo em perspectiva de diálogo com a comunidade. O compartilhamento das vivências dos sujeitos germina falas significativas e, como consequência, temas geradores que fomentam a problematização da realidade. Nesse caminho, os autores refletem a interdisciplinaridade e a construção curricular no seio da educação do campo. Fechando o segundo bloco, Néli Suzana Britto coloca em foco a abordagem temática freiriana, apresentando detalhadamente três momentos pedagógicos basilares: o estudo da realidade; a sistematização dos conhecimentos científicos demandados; a elaboração de proposições que tenham força para gerar aprofundamento crítico acerca das explicações contidas nas falas significativas.

A estrutura do livro, organizada em dois blocos, mantém clara harmonia com a metodologia freiriana que sustenta o conjunto de ações formativas colocado em foco. Primeiramente, o leitor se encontra diretamente com os sujeitos do campo, professores pesquisadores de suas realidades socioculturais e de sua própria ação docente, em movimento de práxis. A partir de suas reflexões, gera-se diálogo com formadores das universidades. Logo, não se faz do viés acadêmico uma voz autoritária, como comumente ocorre em múltiplos meios universitários por todo o mundo. Com essa postura, utiliza-se a pedagogia do exemplo, pois discurso e ação caminham carinhosa e coerentemente abraçados.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de o caminho metodológico fundamentado na especialização, e consequentemente no livro, fazer surgir temáticas/conteúdos de modo orgânico, sem artificialismos, partindo de falas significativas que são pedagogicamente desveladas. Elementos de ciências da natureza e matemática surgem a cada texto fora de caixas pré-estabelecidas. Surgem como necessidades e desejos no seio de uma conjuntura local que se conscientiza do potencial da educação do campo. Agroecologia, desenvolvimento sustentável, cadeia alimentar, solo, eletricidade, ciclo hidrológico, sementes crioulas, ecologia, grandezas, medidas, reações químicas, funções, fermentação, fotossíntese, monocultura, energia, gravidade, diversidade dos seres vivos, estatística, razão, proporção, agronegócio, lixo, óptica, ondas sonoras, curva de nível, adubação verde, entre vários outros, se manifestam de modo vivo nas experiências compartilhadas pelos autores. Não surgem como conteúdos livrescos, como fins em si mesmos, mas como meios para o aprofundamento crítico, problematizador da realidade vivida.

Os conflitos intraescolares que dificultam o trabalho coletivo não são colocados para debaixo do tapete, mas problematizados a fim de fazer da consciência das tensões sociais, epistemológicas e políticas passo fundamental para sua superação. Os autores mostram que

um conhecimento se efetiva como elemento significativo quando está a serviço da emancipação, da compreensão dos processos que historicamente o consolidam como saber válido, e não definitivo, em determinado contexto.

No caminho dialógico evidenciado na obra, o posfácio traz reflexões que a tornam ainda mais potente. Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, Demétrio Delizoicov e Antonio Fernando Gouvêa da Silva, profissionais comprometidos com a transformação social por meio de políticas públicas efetivamente democráticas, refletem sobre a necessária articulação entre formação inicial e formação continuada como meio consistente para transformação das práticas docentes e para geração de novas escolas do campo, valorizadoras das realidades das quais fazem parte. Suas reflexões mostram a importância de a educação do campo, em distintas conjunturas, ser construída *pelos* camponeses e não *para* os camponeses.

É impossível não mencionar o falecimento de Marta Pernambuco ocorrido no dia 14 de maio de 2018. Professora titular do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Marta lutou de modo intenso por uma educação efetivamente popular, democrática, libertadora e emancipatória. Firme em suas ações, jamais perdeu a ternura. Sua compreensão do ensino de ciências como meio de transformação social é um legado que permanecerá, alimentando mudanças e rupturas na paisagem educacional. O teor do livro colocado em foco nesta resenha muito tem da sua visão de mundo e do rico diálogo por ela promovido no contexto da especialização. Sua obra é fortemente interligada com a obra de Paulo Freire, educador de referência para as ações educativas construídas e compartilhadas pelos autores.

A densidade do livro permitiria trazer para a resenha muitos outros aspectos importantes nele desenvolvidos. Fica aos possíveis novos leitores essa busca por fatores complementares. Trata-se de uma obra diferenciada, coerente em seu propósito, construída de modo colaborativo, em que cada artigo dialoga ricamente com o todo, oportunizando a quem adentra criticamente suas páginas uma intensa formação no âmbito da epistemologia da práxis, em perspectiva freiriana. A organizadora do livro, Mônica Castagna Molina, ao alcançar seu intento, presenteia de modo ímpar toda a comunidade que vê nos processos educativos um meio para libertação.

Recebido em 15/07/2020. Aprovado em 25/08/2020.

Sobre o autor:

ROGÉRIO FERREIRA

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. É professor do curso de Educação do Campo da Universidade de Brasília.